



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOSÉ EVERTON AZEVEDO BARBOZA

DO SENHOR JOSÉ PINHEIRO AO BAIRRO DO ZÉ PINHEIRO

CAMPINA GRANDE

2022

JOSÉ EVERTON AZEVEDO BARBOZA

DO SENHOR JOSÉ PINHEIRO AO BAIRRO DO ZÉ PINHEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de História
do Centro de Educação da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História

Orientador: Professor Doutor Francisco Jomário Pereira

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B239d Barboza, Jose Everton Azevedo.
Do Senhor José Pinheiro ao bairro do Zé Pinheiro
[manuscrito] / Jose Everton Azevedo Barboza. - 2022.
16 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Francisco Jomário Pereira,
Departamento de Ciências Sociais - CEDUC. "

1. História de Campina Grande. 2. Bairro. 3. Memória
histórica. I. Título

21. ed. CDD 981.33

JOSÉ EVERTON AZEVEDO BARBOZA

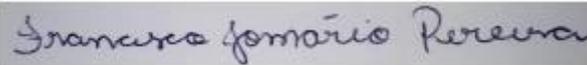
DO SENHOR JOSÉ PINHEIRO AO BAIRRO DO ZÉ PINHEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de História
do Centro de Educação da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História

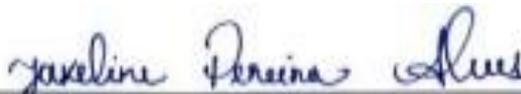
Área de concentração: Ensino de História

Aprovada em: 09 / 12 / 2022

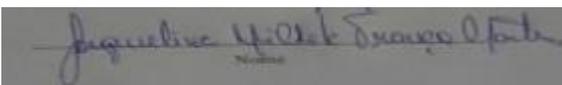
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Jomário Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Me. Jakeline Pereira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Me. Jaqueline Michele França Martins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	SITUANDO CAMPINA GRANDE: ESPAÇO, TEMPO, HISTÓRIA.....	05
3	O SENHOR JOSÉ PINHEIRO	10
3.1	Nas palavras do senhor José Pinheiro	12
54	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	15
	ANEXO A – FOTOGRAFIA DO SENHOR JOSÉ PINHEIRO	16

DO SENHOR JOSÉ PINHEIRO AO BAIRRO DO ZÉ PINHEIRO

FROM MR. JOSÉ PINHEIRO TO THE ZÉ PINHEIRO NEIGHBORHOOD

José Everton Azevedo Barboza¹

RESUMO

Este artigo elucida a história de como um cidadão comum, o senhor José Pinheiro, acabou por ter seu nome intitulado o bairro que habita ainda em vida. Para fins de contextualização, foi-se feito uso de obras historiográficas e pesquisas em jornais, entrevistas e sites. Partindo de um viés historiográfico, mostramos a importância deste homem meio ao progresso da cidade de Campina Grande, enfatizando o surgimento do bairro supracitado e destacando a figura de José Pinheiro, devido suas críticas ao governo e sua ampla visão de como o progresso da cidade servia tão somente aos objetivos de uma classe elitista, deixando o cidadão comum no desamparo.

Palavras-Chave: José Pinheiro; Campina Grande; progresso.

ABSTRACT

This article elucidates the story of how a common citizen, José Pinheiro, ended up having his name in the title of the neighborhood he inhabited while still alive. For contextualization purposes, use was made of historiographic works and research in newspapers, interviews and websites. Starting from a historiographical bias, we show the importance of this middle man to the progress of the city of Campina Grande, emphasizing the emergence of the aforementioned neighborhood and highlighting the figure of José Pinheiro, due to his criticism of the government and his broad vision of how the progress of the city served only to the objectives of an elitist class, leaving the common citizen in destitute.

Keywords: José Pinheiro; Campina Grande; progress.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História Plena na Universidade Estadual da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em explicar e historiografar a relação entre o bairro José Pinheiro, vulgo Zepa (apelido que se popularizou dentre os cidadãos do bairro e, até mesmo, da cidade), e o cidadão que ainda em vida recebeu a homenagem de ter seu nome imortalizado em um bairro da segunda maior cidade do estado, o que nos leva a pensar se os seus moradores estão cientes de quem foi o senhor que emprestou o nome para um dos bairros mais populares e conhecidos de Campina Grande. Assim, trouxemos à tona algumas memórias e narrativas sobre este fato histórico, posto que o compreendemos ser de grande importância, tanto para a memória coletiva da região quanto para o compêndio cultural da própria cidade.

Utilizou-se, para o desenvolver deste artigo, referências da teoria historiográfica que compreendemos como uma

“construção narrativa dos resultados da pesquisa histórica, realizada a partir do controle metódico de investigação empírica e de crítica documental. É ela que dá forma e feitiço histórico aos elementos empíricos (objetivos) da pesquisa, inserindo-os na vida prática, atribuindo-lhes sentidos e significados (CORDEIRO, 2015, p. 02).

Bem como também se fez uso de trabalhos de colegas historiadores e análise de escritos acadêmicos, entrevista do senhor José Pinheiro, e obras que falam sobre o bairro no contexto social, político e econômico. Portanto, entende-se este trabalho como uma pesquisa bibliográfica.

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem [os artefatos ou as máquinas], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2010, p. 10).

2 SITUANDO CAMPINA GRANDE: ESPAÇO, TEMPO, HISTÓRIA

A cidade de Campina Grande, localizada no interior da Paraíba, tem população estimada de até 413.830 pessoas, e é conhecida pelo seu desenvolvimento comercial. Desde os seus primórdios até os dias atuais, Campina é

uma cidade ligada muito fortemente ao comércio, tendo em vista que lugares utilizados durante sua expansão comercial estão em pleno funcionamento desde a fundação da cidade, tais como a Feira Central e a Feira do Gado.

Por sua forte influência no desenvolvimento comercial, Campina se tornou um local turístico e sempre viveu por receber pessoas de outras cidades e estados, os próprios tropeiros faziam dela uma espécie de cidade de repouso.

Com o passar do tempo, a cidade ganhou lugar de destaque e recebeu a linha férrea, devido ao comércio de algodão – o chamado “ouro branco”. Graças ao comércio do “ouro branco” (algodão), Campina experimentou um crescimento econômico considerável a tal ponto de o algodão ter relação direta com o progresso da cidade, tanto pela influência local quanto por abastecer as fábricas têxteis da Europa entreguerras. No texto *A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história* (2009), de Severino Cabral Filho, o historiador e sociólogo ressalta que a importância do algodão para a cidade era tamanha que existia uma rua denominada Rua do Algodão (figura 1), hoje nomeada Marquês do Herval. Nas palavras do pesquisador, expõe-se a importância do comércio algodoeiro para a cidade de Campina Grande:

Essa importância atribuída ao algodão pode ser percebida não apenas nos artigos de jornais de época, que repetiam à exaustão a relação entre o progresso da cidade com o seu comércio algodoeiro, que alimentava as indústrias têxteis da Europa no período entreguerras; nos depoimentos dos contemporâneos desses eventos; nos relatos dos memorialistas; nas demonstrações contábeis das administrações estaduais e municipal publicadas pela imprensa, reveladoras de aportes significativos de recursos aos cofres públicos advindos das imprensas negociadoras do algodão; nos trabalhos de historiadores que se voltaram para o estudo da economia de Campina Grande (FILHO, 2009, p. 141).

Figura 1 – Rua do Algodão



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Outro importante signo do desenvolvimento da cidade é atribuído à cultura cinematográfica, uma vez que, almejando seu amplo desenvolvimento cultural (e comercial), a cidade buscou o progresso através de um dos talvez maiores atrativos da época, o cinema. Logo, a cidade foi morada de uma diversidade de cinemas: Cine Capitólio (figura 2), Cine Fox (figura 3), Cine Teatro Apollo (figura 4), Cine São José (figura 5), Cine Avenida (figura 6) dentre outros, valendo-se ressaltar que o advento do cinema na cidade aconteceu a partir de 03 de março de 1903, com a chegada do Cinema Brazil.

Figura 2 – Cine Capitólio



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Figura 3 – Cine Fox



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Figura 4 – Cine Teatro Apollo



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Figura 5 – Cine São José



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Figura 6 – Cine Avenida



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Cabe aqui ressaltar que ambos, o Cine Fox e o Cine Apollo, estavam inseridos na mesma rua, a Maciel Pinheiro, distinguindo-se apenas por questões de status sociais, logo que o Cine Fox, outrora conhecido por “Cine Pulga” só, era geralmente frequentado por pessoas de origem humilde.

No decorrer desta pesquisa, observou-se que, embora o centro da cidade tenha sido epicentro do progresso, alguns dos bairros da cidade passaram a tomar para si fatias de desenvolvimento através do cinema, logo após a inauguração do Cine Brazil, 14 anos após a invenção do cinematógrafo, inaugurando também seus próprios cinemas locais.

Falando-se em progresso, seria equívoco não citar a chegada do trem à Campina Grande, no dia 02 de outubro de 1907, tanto por seu teor prático, havendo-se encurtado grandes distâncias, quanto por seu simbolismo, afinal, Campina passou a ser uma das cidades privilegiadas com uma linha férrea. No entanto, era de se imaginar que tanto progresso não servia a todos os cidadãos campinenses, mas, claro, a classe elitista. Segundo texto de Gervácio Batista Aranha, em que se tratou de viagens inaugurais como espetáculos, foi-se amplamente divulgado que a inauguração da linha férrea serviria como solução para o problema da seca, sendo ela a única esperança para os aflitos, tanto que ao se procurar por soluções imediatas para a seca de outubro de 1988, a receita estava pronta: “só o prolongamento da estrada de ferro poderia nos oferecer algum alívio; era o benefício que receberia a província e uma fonte de trabalho para os famintos e desvalidos” (ARANHA, 2017, p. 29). Logo a estrada de ferro, enquanto única “esperança” para os “aflitos”, era encarada, pelo órgão de imprensa, como uma “verdade” que ele repetia “sem cessar”, conforme Aranha (2017, p. 29).

Notavelmente, os famintos e desvalidos eram lembrados apenas em páginas policiais, haja vista que nos jornais tão somente quando era para se fazer pedidos aos governantes em prol do progresso. Ao buscarmos informações, voltando-se ao passado, analisando obras antigas e páginas de jornais, reafirmamos que os famintos eram usados como objetos para que a classe elitista viesse a conseguir ter êxito sobre seus objetivos, tal como a criação da linha férrea.

Partindo para a área de educação, o progresso comercial da cidade fez com que as escolas do século XX na cidade de Campina Grande fossem também atingidas pela onda de desenvolvimento. Tem-se notícia de que o Instituto Pedagógico da cidade, foi fundado em 17 de fevereiro de 1917, no centro da cidade.

Hoje, tombada como Patrimônio Público, a Escola Clementino Procópio (figura 7), inaugurada em 1937, é uma das mais antigas de Campina Grande, localizada no atual bairro São José.

Figura 7 – Escola Clementino Procópio



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (blog)

Com a grande expansão do comércio, devido pessoas de outras cidades e estados virem tentar uma oportunidade de mudança de vida em Campina, foram surgindo novos bairros, e um desses bairros é o José Pinheiro, tema desta pesquisa.

O bairro do José Pinheiro está localizado na zona leste da cidade, e é hoje um dos maiores bairros da cidade, juntamente com o bairro das Malvinas. O José Pinheiro surgiu através da reforma no governo do então prefeito Vergniaud Wanderley, ao promover, no centro da cidade, uma reforma estrutural, demolindo diversas residências e obrigando que parte da população partisse à procura de outras localidades às margens do centro. Assim surgiu o bairro do qual tratamos.

Acredita-se, portanto, que o bairro tenha surgido por volta de 1930 e 1940, posto que veio logo após a reforma do prefeito V. Wanderley. É um local que mantém tradições carnavalescas, como o carnaval de rua e suas duas escolas de samba: Bambas do Ritmo e Independente.

3 O SENHOR JOSÉ PINHEIRO

Com o advento da escola dos Annales, o método de pesquisa obteve novos parâmetros através de Marc Bloch ²e Lucien Febvre. Os dois deram uma nova visão de como se pesquisar a história, principalmente ao rebater a visão positivista. Logo, através da escola dos Annales, o pensamento positivista foi posto de lado e surgiu a interdisciplinaridade, que seria uma nova abordagem no fazer histórico, e estimulou o surgimento de reflexões sobre o homem, sociedade e tempo na construção da história. Através dessa corrente historiográfica, surgiu também a micro-história, a qual dá ênfase a personagens não conhecidos, mas que merecem ser lembrados.

É com os olhos voltados à micro-história que desenvolvemos essa pesquisa, explanando e trazendo luz à história de um homem simples que fez sua voz valer perante as injustiças governamentais.

No dizer de Alan Barbiero, uma história como esta é uma história das vidas simples, “de detalhes do dia a dia de atores até hoje rejeitados pelas histórias oficiais, pessoas cujos propósitos de vida não se confundem com o destino da pátria, de sua gente, são personagens anônimas, que nada fizeram de histórico (diríamos grandioso), viveram simplesmente suas vidas como centenas e milhares de contemporâneos seus viveram as suas”. (SOUZA *apud* BARBIERO, 2011, p. 86).

Relatos populares ³do hoje bairro do Zé Pinheiro, informam-nos que o Sr. José Pinheiro aportou em Campina Grande na década de 1927, vindo, aparentemente, de Recife, ainda que tais informações não sejam muito precisas, especialmente pelo aspecto mitológico que se formou em torno desse personagem. Contudo, pudemos ter acesso a informações mais concretas, havendo o senhor Jose Pinheiro dado entrevistas ao Jornal Diário de Pernambuco, na data do dia 04 de janeiro de 1970, na qual relata que foi um dos primeiros a chegar na localidade e descreve: “quando cheguei neste bairro, não havia nada, nenhuma casa. Era um descampado que metia medo na gente, escuridão e mato eram seus donos.” (José Pinheiro em entrevista ao Diário de Pernambuco, 1970).

² Autor da obra *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* (1949).

³ Utilizamos como metodologia a história oral. De acordo com o Estatuto Social da Associação Brasileira de História Oral (criada em 29 de abril de 1994 durante o II Encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro) em seu Art. 1º § 1º: “Por história oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independente da área do conhecimento na qual essa metodologia é utilizada” (Estatuto Social da Associação Brasileira de História Oral In: Revista de História Oral, nº 1, 1998, p. 14).

Logo depois de se instalar na localidade do futuro bairro, o cidadão abriu uma bodega onde hoje se localiza a rua principal, essa foi uma das várias atividades desenvolvidas pelo senhor José Pinheiro, não havendo sido apenas comerciante local, mas exercendo outras profissões, como professor e médico.

Ainda que o progresso comercial tivesse um bom desenvolvimento local, o bairro em questão não recebia assistência suficiente para que pudesse ter uma escola própria. Diante disso, o senhor José pinheiro resolveu por si só tratar da educação das crianças.

Como relatado em sua entrevista, o sr. José Pinheiro exerceu um papel de médico. Uma vez que tinha sido enfermeiro no Hospital Militar do exército na capital paraibana e, logo depois, quando se mudou para o Recife, trabalhado como farmacêutico, devido a experiência que obteve resolveu cuidar da falta de assistência médica do bairro.

Mesmo com sua atuação social, segundo o próprio José Pinheiro, seu nome popularizou-se através da criação e comércio de animais, bem como a partir da promoção de brigas de galo. Desse modo, quando cidadãos eram questionados sobre para onde iriam sempre que intentavam melhorar suas criações ou se entreter em rinhas de galos, respondia-se “vou lá no José Pinheiro”. Desse modo, o mantra “vou lá no José Pinheiro” se fez tão popularizado que nomeou a localidade.

O senhor José Pinheiro faleceu em 1971, e deixou como legado, além de toda sua contribuição social, seus filhos e filhas: Nicodemos Francisco Pinheiro, Etvaldo Pinheiro, Lídio Pinheiro, Napoleão Pinheiro, Joanna D´arc Pinheiro, Iraci Pinheiro, Debora Pinheiro, Ruth Pinheiro, Ester Pinheiro e Miguel Pinheiro.

[...] os testemunhos de sujeitos singulares, personagens submetidas a um regime de poder que gravou sobre seus corpos concretos, marcas de uma escrita de dor, sofrimento, inquietações, humilhações, saudades, medos e esperanças. Reavivar a história desta gente significa retroceder no tempo para municiar-se de recursos para coibir grandes esquecimentos e capacitar-se para o entendimento do tempo histórico a partir das experiências pessoais de uma gente cujo destino sempre foi considerado – até mesmo pelos autores – à margem da história. (SOUSA, 2006, p. 90-91).

3.1 Nas palavras do senhor José Pinheiro

Partiremos para analisar a entrevista que o sr. José Pinheiro deu ao Diário de Pernambuco, na década de 1970, em que se inicia mostrando que, ao chegar na região hoje tido como bairro, ainda não tinha aporte para que o fosse, pois que o sr.

José Pinheiro era uma das primeiras pessoas que havia chegado para morar na localidade.

No século XX, muito se falou em progresso na cidade de Campina Grande. A cada novo progresso, a população não vista como parte da elite era afastada do desenvolvimento comercial e cultural da cidade, posta à margem.

Campina Grande aparecia, em grande parte do discurso e da propaganda das elites, ambigualmente, como um lugar em franca expansão e cheio de mazelas, mas onde o progresso e a civilização deitavam raízes. Dissecar e esquadrihar a cidade, trazendo à tona sua diversidade, é mostrar também como as elites tentaram hierarquizar espaços e intervieram em territórios, buscando instituir valores que mantivessem o status quo, ou que modificassem apenas superficialmente para incorporar novos grupos e interesses. Mas significa também compreender como muitos moradores vão constituir outras tantas cartografias, burlando e ressignificando essa teia de valores e códigos que se lhes tentavam impor. (SOUSA, 2006, p. 116).

Nos chamou a atenção o que, no início da entrevista, o senhor fala sobre o centro da cidade, em suas palavras:

Lá embaixo – aponta para o centro de Campina Grande – o movimento já era grande, falava-se muito em progresso o progresso já existia, um progresso impulsionado pelo comércio, que proporcionou melhorias urbanísticas para a classe dos empresários e pessoas que faziam parte da elite (Senhor José Pinheiro para o Diário de Pernambuco, 1970).

Pode-se perceber que na entrevista dada pelo sr. José Pinheiro, nas entrelinhas, faz duras críticas aos governantes, pela ausência de assistência ao bairro, devido ao se falar muito em progresso, mas um progresso que, na realidade, só estava acontecendo no centro da cidade. Nas palavras de seu José Pinheiro, muito depois, embora o progresso comercial de Campina fosse muito grande, não havia escola. Se o sr. José chegou à cidade no ano de 1927, e muito tempo depois o próprio relata que funda uma escola no bairro, tornando-se o primeiro professor, nota-se que a atitude que o senhor José Pinheiro toma, é a de tentar inserir no bairro o progresso tanto falado, que viria à priori por meio da educação.

Em fins dos anos de 1960, as elites políticas, econômicas e técnicas se preocupavam em planejar, disciplinar e fazer funcionar a cidade em parâmetros ditos modernos. Todavia, os populares pareciam não ser incorporados nestes discursos, pois não eram convidados nem viam oportunizados espaços para o debate de seus projetos de cidade (SOUSA, 2011, p. 92).

Nas palavras do sr. José Pinheiro: “fui ampliando, com o tempo, minhas amizades; prestando favores desinteressados, meu prestígio (modéstia parte) foi crescendo dia a dia” (senhor José Pinheiro ao Diário de Pernambuco, 1970).

[...] a organização da vida cotidiana se articula ao menos segundo dois registros: os comportamentos, e os benefícios simbólicos que se espera obter. 1. Os comportamentos, cujo sistema se torna visível no espaço social da rua e que se traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estrita dos códigos de cortesia (saudações, palavras “amistosias”, pedido de “noticias”), o ritmo do andar, o modo como se evita ou ao contrário se valoriza este ou aquele espaço público. 2. Aparecem de maneira parcial, fragmentada, no modo como caminha, ou, de maneira mais geral, através do modo como “consome” o espaço público (CERTEAU, 2013, p. 36).

Na entrevista dada pelo sr. José Pinheiro, percebe-se como ele consumia o espaço público do então bairro que recebia seu nome, nas palavras citadas abaixo, o bairro leva seu nome, por seu José Pinheiro se preocupar com os seus pares, pares esses que estavam sendo esquecidos pelos seus governantes.

O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição (CERTEAU, 2013, p. 37).

O bairro do José Pinheiro, vulgo Zepa, está localizado na zona leste da cidade de Campina Grande, sua estimativa populacional é de 413,830 habitantes, a cidade está localizada no interior da Paraíba. Segundo o censo de 2010, o número de habitantes do bairro era de 16,112. Estimava-se um total de 7.441 homens, e 8.671 mulheres. Para Michel Certeau, o bairro surge

como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência (CERTEAU, 2013, p. 39).

As terras onde hoje está localizado o bairro do José Pinheiro eram pertencentes a Pedro da Costa Agra, foram povoadas e, ao passar do tempo, veio a se tornarem o José Pinheiro; o bairro é lembrado em músicas como *Saudades de Campina Grande*, *Forró em Campina*. Pelas festas que ocorriam no bairro devido o deslocamento da feira central para o local onde atualmente se encontra, o José Pinheiro acabou por se tornar um dos ou senão o bairro mais populoso da cidade,

fator lembrado pelo senhor José em sua entrevista, contendo cerca de 21 mil habitantes. O bairro também é lembrado por uma tragédia que veio a ocorrer no ano de 1974, que acabou sendo retratado em um curta metragem, *Os Balões de 74*, pelo diretor Luciano Maríz, o qual retrata uma explosão de um cilindro de gás em um parque de diversão, causando diversas mortes e deixando vários feridos.

O bairro do José Pinheiro, com o passar do tempo se desenvolveu, foi melhorando, suas ruas foram pavimentadas, ganhou escolas municipais e estaduais, postos de saúde, um complexo esportivo (o Plínio Lemos), mas nunca deixou de lado suas tradições, e a sua rua principal, Rua Campos Sales, até os dias atuais tem o comércio cada vez mais presente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiro, devemos considerar o quão problemático foi a falta de informações pessoais do senhor José Pinheiro, um fato curioso dada a importância do seu nome para o bairro e para a cidade, acabou por dificultar todo o trabalho; segundo, afirmar que mesmo com a falta de informações mais densas, podemos confirmar que ele prestou serviços relevantes à sua comunidade e por isso se fez digno de ser homenageado.

Não podemos deixar morrer a história de um homem que, diante sua simplicidade e valorização da humanidade, havendo criado residência em local praticamente inóspito e, fazendo valer seus próprios esforços para que o progresso tão discutido na cidade de Campina Grande chegasse aos seus iguais, levou toda uma região ao desenvolvimento.

Aqui, faz-se importante lembrar que personagens aparentemente esquecidos podem ter muito a dizer sobre a história de uma cidade tão grande quanto Campina.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. **Cidades, cultura e fontes historiográficas: experiências urbanas na Paraíba**. Organização de Faustino Teatino Cavalcante Neto e Josinaldo Gomes da Silva – Campina Grande - PB: EDUFCEG, 2017.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande, UFCG, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

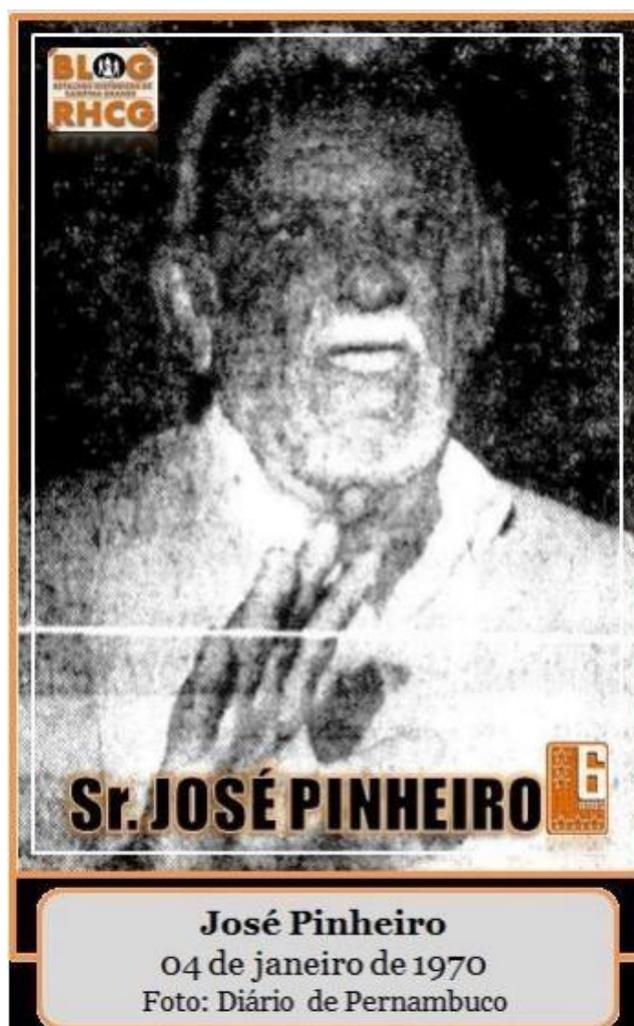
CORDEIRO, CECÍLIA SIQUEIRA. **Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos**. XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoS NH2015Historiografia \(pdf\)](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoS NH2015Historiografia (pdf)). Acessado em: 12 de novembro de 2022.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de Confronto**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Populares na cidade: vivências de trabalho e de lazer**. João Pessoa: Ideia, 2011.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Tradução de André Telles. – 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ANEXO A – FOTOGRAFIA DO SENHOR JOSÉ PINHEIRO



Fonte: Retalhos Historiográficos de Campina Grande (blog)